

Maria Carmen de Frias e Gouveia  
*Universidade de Coimbra / C.E.L.G.A.; mcfg@fl.uc.pt*

## A categoria gramatical de género do português antigo ao português actual

### Introdução

É comum identificar-se o início do «Português Moderno» ou «Português Clássico» com meados do século XVI, mais frequentemente com 1536, data da publicação da *Gramática* de Fernão de Oliveira, já que « parece confortavelmente seguro promover a primeira gramática portuguesa a primeiro testemunho da língua na sua fase clássica» (Castro, 1991:243).

Com efeito, é neste período que a língua portuguesa começa a adquirir a sua feição actual. Se bem que haja já superação de alguns aspectos mais arcaizantes<sup>1</sup> a verdade é que – relativamente ao género – se está ainda um pouco num período de transição. É frequente, aliás, encontrarmos neste século, tal como em Português antigo, algumas hesitações de género («cortandolhe as pernas lançouas a huma lebre [...] porque ho lebre[...]», J. Ferreira de Vasconcelos cap.18, 104), adjectivos hoje uniformes como biformes, por exemplo, «ruda forca» (Camões, *Os Lusíadas*, II, 65), etc.

De qualquer modo, a partir deste período começa a haver uma maior proximidade, em relação ao Português actual, no que se refere também ao género, embora a fixação definitiva seja, em muitos casos, posterior a esse século.

Vejamus como evolui o género do Português arcaico para o moderno<sup>2</sup>.

### 1. Palavras em –agem

Parecem ser já femininas, na sua quase totalidade. Fernão de Oliveira escreve, a respeito do género dos vocábulos, «femininos, como linguagem, linhagem e borragem» (Oliveira, 1536: 114). Também Duarte Nunes de Leão emprega como feminina a palavra linguagem, na expressão «parece outra diferente linguagem» (Leão: 147).

<sup>1</sup> Como a resolução de hiatos, uniformização em –ão das terminações resultantes de –ANU, –ONE e –ANE latinas, a passagem das terminações dos participios em –udo (conhecudo, perduto, etc.) a –ido, desaparecimento das formas átonas dos pronomes possessivos (mia, sa, etc.) e maior fixação gráfica começando a surgir uma *ortografia*, entre outros aspectos.

<sup>2</sup> O estudo que se apresenta constitui a adaptação de parte de um trabalho mais completo sobre a evolução do género gramatical (Gouveia, 1993).

Como se sabe, antes do século XVI documentam-se palavras deste tipo ainda como masculinas: «E deyxou a Noe porque ho achou justo e mui bom para rrestaurar ho linhagem umanall» (*Coronica Troiana*: 21, 18-20), o que prova que se estava apenas no início da fixação definitiva do género destas palavras como feminino. Portanto, no século de quinhentos já se encontra preferentemente esse género: João de Barros escreveu o *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, e atesta-se já o feminino no excerto «segundo vimos em as cartas destas mensajes que temos em nosso poder» (J. de Barros, *Décadas*, 1, 3, 12, p. 117). A mesma situação ocorre no século XVII: «Como esta lin-goagem não he em algaravia [...]» (Frei Bernardino da Silva, *Defensam da Monarchia Lusitana*, II, 24). E na *Grammatica* de Melo Bacelar (Bacelar, 1783: cap. V, 41), a propósito do género lê-se : «Todo nome que terminar em a, ção, ge, gem, he do genero feminino. Conhecem-se as excepções desta regra ou porque o nome não tem significação feminina [...] ou porque o artigo que se lhe ajunta he masculino».

Domingos Vieira e Caldas Aulete dão igualmente este tipo de vocábulos como substantivos femininos.

Nos nossos dias, com a excepção de personagem, que é de género ambíguo, as palavras com esta terminação são todas femininas, independentemente da sua origem. Como exemplo, lembremo-nos dos galicismos “chauffage” e “garage”, originariamente masculinos, mas femininos na língua portuguesa: a chaufagem, a garagem.

## 2. Palavras em -ês

Ao contrário do grupo anterior, este tipo de palavras foi das que tardaram a fixar-se definitivamente. Fernão de Oliveira, por sua vez, dá-as como de género comum «posto que tenham femininos em a, como portuguesa» (Oliveira: cap. XLIV, 13)<sup>3</sup>. Mas no séc. XVI vai ser frequente encontrar ainda este tipo de palavras como uniforme: «a nação genoês», como se lê nas *Décadas*, 1, 3, 11 de João de Barros; «lingoa portugues» (*Ibidem*, 1, 8, 6) e «balhando à mourisca/ dentro gente Português» (Gil Vicente, *Auto da Fama*, v. 57).

No século XVIII, ainda se encontra esse uso, por Cruz e Silva, no *Hyssope*, V, v.134: «a nossa português casta linguagem» (*apud* Nunes, 1989: 262).

Apenas depois se estabelecerá completamente o feminino analógico em -a .

## 3. Palavras em -nte

Sá de Miranda emprega ainda a forma infante como uniforme: «Da ifante o delicado,/ Singelo e brando peito/ Vence se ora de amor, ora de medo» (150, 479).

Já praticamente nos nossos dias, Caldas Aulete refere a designação de infante para o masculino e para o feminino, embora acrescente: «É mais usada a forma feminina infanta». Também registam infante como masculino e feminino Artur Bivar e Cândido de Figueiredo.

Por sua vez, a língua dos séculos XVI e XVII apresentava o feminino analógico em vocábulos onde tal seria hoje impensável no Português normal (embora surja na linguagem popular e regional)<sup>4</sup>. Assim, nessa época, é frequente encontrarmos os femi-

<sup>3</sup> Camões utiliza também a forma em -a : «a polícia/ Portuguesa» (*Os Lusíadas*, VII, 72).

<sup>4</sup> Para um estudo mais detalhado do género do Português antigo e seus reflexos na linguagem popular e regional veja-se Gouveia, 1998.

ninos comediante, farsante, gigante, etc (*apud* Ali, 1964 :62): «huma comediante » (Pe. António Vieira, *Cartas*, 2, 180), «Gracejando com as farsantas» (Pe. Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, 2, 314) ou «Esta gigante era rica» (João de Barros, *Crónica do Imperador Clarimundo*, 164).

O masculino gigante regista-se também nesta altura, certamente por analogia com a forma feminina. O *Grande Dicionário* de Cândido de Figueiredo ainda refere estes três femininos, somente considerando farsante como feminino antigo, enquanto que o *Dicionário da língua portuguesa* (Costa e Melo, 1990) dá como uniformes comediante e farsante, aceitando o feminino gigante.

#### 4. Palavras em -ol

Durante o século XVI André de Resende utiliza ainda «a boa gente espanhol» (*apud* Nunes, 1989: 225, n.2), de onde se deduz que o feminino analógico se generaliza apenas numa época posterior.

#### 5. Palavras em -or

No que respeita a este tipo de vocábulos, e não obstante o facto de, desde cedo, ter existido uma forma analógica em -a para o feminino (senhora, por exemplo), ainda se encontram como uniformes neste período. Segismundo Spina (Spina, 1987:18) nota que, nos séculos XVI e XVII, se regista ainda «gente perturbador».

No entanto, é cada vez mais frequente a marca -a para o feminino<sup>5</sup>: no século XVI encontra-se, por exemplo, «a pouca água que tomava era provocadora de mais sede [...]» (Frei Luís de Sousa, *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires I*, cap. 27, p. 166) e, em Frei Tomé de Jesus (*Trabalhos de Jesus*, I, 17, p. 342), «a humildade é conservadora e acrescentadora de todos os bens» (*apud* Lorenzo, 1977).

No século XVII, generaliza-se cada vez mais esse feminino analógico: «...sem dar pela humana filosofia, e suas falácias, afectadora e interrompedora da verdade» (Pe. Manuel Godinho, *Vida do P. Fr. António de Chagas*, IV, p. 42, *apud* Machado, 1987). Além das formas em -ora para o feminino, mantém-se a terminação -eira, sendo possíveis ambas: documentam-se, assim, no século XVI (*apud* Machado, 1987): «as quais todas são solteiras e mui grandes músicas, bailadoras e volteadoras (*Livro em que se dá relação do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*, p. 107), «os bayladores e bayladeiras que vieram festejar à aldêa...» (*Foral de D. João III, Arquivo*, V, p. 132 e «mulheres cantadeiras» (João de Barros, *Décadas*, II, 6, cap. 6, p. 285).

Uma outra terminação se regista ainda para o feminino: a par de -ora aparece -triz<sup>6</sup>: «Senhora, vós sois Senhora/emperadora...» (Gil Vicente, *Auto da Alma*, v.195-6<sup>7</sup>) e «pois tem Rainha tão bela emperatriz da Alemanha» (*Templo de Apolo*, v. 30).

<sup>5</sup> O *Elucidário* (Viterbo, 1798) diz que Senhor «é mui frequente no feminino até ao século XVI», o que leva a supor que, a partir dessa data, se tornará mais comum a forma terminada em -a.

<sup>6</sup> Surge a forma latinizante -trice em textos do séc. XVII: «cantatrices do Paço» (Fr. Jacinto de Deus, *Vergel de plantas*, p. 194, *apud* Machado, 1987). Morais dá ainda a forma salatrice, com o sentido de dancarina, nessa época.

<sup>7</sup> Provêm destes étimos latinos em -TRICE as formas em -triz, e o século XVII mostra-nos, a par das terminações acima referidas, também vocábulos como genetrix, por exemplo, «das Carmelitas é mãe, e genetrix» (Pe. António Vieira, *Sermões*, III, 2, pgf. 5, 42, p. 40).

O uso actual consagra a forma imperadora para a mulher que exerce o cargo, e imperatriz para a esposa do imperador. No entanto, alguns autores consideram o vocábulo imperatriz aplicável às duas situações (Ali, 1964: 62).

Relativamente aos restantes substantivos abstractos em -or, estabilizam o seu género nesta altura. Duarte Nunes de Leão (Leão: 233ss) dá cor e flor como femininas, acrescentando que o seu género foi corrompido, já que eram masculinas em Latim. A *Corónica Troiana* apresenta já dor no feminino (25r, 7), vocábulo que adopta esse género definitivamente.

## 6. Palavras que mudaram de género

Tal como sucedeu no curso da evolução de outras línguas<sup>8</sup>, muitos vocábulos mudaram de género desde o Português arcaico. Ou porque fixaram um determinado género, quando havia hesitação, ou porque a terminação da palavra determinou essa fixação, ou ainda porque a língua culta exerceu alguma influência, é um facto que encontramos actualmente palavras cujo género difere do antigo, ou que o alteram até aos nossos dias, em muitos casos tendo ainda hoje género duvidoso.

Modificarão, então, o género muitos vocábulos<sup>9</sup>, dos quais passaremos a analisar alguns.

Baralha, com o sentido de baralho de cartas, foi feminino em época mais recuada da história linguística do Português: D. Francisco Manuel de Melo (*Apólogos Dialogais*, p. 209) e o Pe. António Vieira (Ali, 1964) utilizam ainda a forma feminina: «As cartas não hão de ser de outra baralha, senão as mesmas» (*Sermões*, 8, 261). J. P. Machado (Machado, 1987) já documenta o masculino no século XVIII: «inimiga mão lhe foi batendo/C' um baralho de cartas pela cara» (Nicolau Tolentino, *O Bilbar*, em *Obras Poéticas*, I, p. 128).

Quanto a catástrofe era masculino ainda em António Vieira, Matias Aires e J. Francisco Freire (Ali, 1964, 71): «Roma [...] condemnada ao catastrophé das cousas mudaveis» (*Sermões*, I, p. 121). O feminino só se fixou posteriormente.

Por sua vez, cono (vocábulo grosseiro, que designa os órgãos genitais femininos) era masculino em Português antigo (como se atesta em, por exemplo, *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, p. 343 ou numa cantiga de escárnio e maldizer de Afonso Eanes do Coton), como se esperaria do étimo latino (*cūnnu-*), vai tornar-se vocábulo feminino, segundo Machado, «devido, certamente, ao facto de se tratar de atributo de mulher»). Domingos Vieira regista já a forma feminina.

O vocábulo dia é hoje inequivocamente masculino, mas José Joaquim Nunes (Nunes, 1981) dá-o também como feminino na época antiga (embora surja como mas-

<sup>8</sup> Também outras línguas tiveram alterações do género ao longo da sua evolução: os abstractos em -or, por exemplo, como color e sabor, masculinos em Espanhol, foram femininos na língua antiga; em Francês antigo, o género de ouvrage, mensonge, ou pape (embora referido a um homem) era feminino, sendo, portanto, diverso do actual.

<sup>9</sup> Recolhi muitos vocábulos que mudaram de género do período arcaico para o português actual: afronto, alcachofra, aleijão, ametisto, apostema, bacio, banco roto, cisma, clima, cometa, cornas, dote, esfinge, espinafre, estige, estratagemas, fantasma, hipérbole, íbis, mapa, mar, metamorfose, pirâmide (pirames), planeta, retrete, rim, rouba, etc. Variaram, desde cedo: árvore, cárcere, fim, teiró, tribo, entre outras. Curiosamente, retomaram o género etimológico, por exemplo, andorinha, diocese (esporadicamente masculino na época medieval, como se verá) e tribo.

culino já no século XIII, no *Foro Real* e nas *Cantigas de Santa Maria*) numa ocorrência: «ficarô alli atee a dia presente...» (*Ho Flos Sanctorum em lingoage portugues*, ed. de 1513, folha 247). Se bem que geralmente masculino, como em «Orraca López vi doente un dia» (*Cantigas d'escarnho e de mal dizer*, 47. 1), será realmente substantivo feminino na passagem acima transcrita, a crer em A. E. da Silva Dias: «Até o século XVII sempre se disse “até” e não (com a preposição] a) “até a”; no século XVII principia a aparecer “até a” com o art[igo] feminino (até á, até ás) e só posteriormente com o art[igo] masculino (até os, até aos)» (Dias, 1970: 159, pgf. 211<sup>a</sup>)<sup>10</sup>.

Dote, diocese e espinafre também alteraram o seu género ao longo da evolução da língua: feminino em Latim, o primeiro vocábulo era ainda desse género no século XVI, em 1514, só mais tarde se fixando como masculino: «Os maridos que em suas dotes [...]» (D. Manuel, *Ordenações*, livro IV, 1<sup>11</sup>) ou «Nas dotes e casamentos» (*Ibidem*)<sup>12</sup>; diocese, palavra feminina em Latim, surgiu como masculino no século XV («em cujo diocesy [...]», *Arch. Hist. Port.*, IV, 52, *apud* Vasconcelos, 1939: 9), repondo-se depois o género etimológico; e espinafre era feminino ainda no séc. XVII: «As espinafres sam frias, e humidas» (Dr F. Fonseca Henriques, *Ancora Medicinal*, p. 141 (*apud* Machado).

Quanto a mapa, surge como feminino no século XVI (como em Latim), conforme documenta Frei Heitor Pinto («Na mappal...») I, 353, *apud* Ali: 71) e torna-se masculino a partir daí. Vieira dá-o já com esse género, por exemplo em *Sermões*, 7, 20 (*Ibidem*).

Noutros casos, as palavras oscilam quanto ao género neste período que agora consideramos, e só mais tarde se irá estabelecer o género definitivo. Vejamos alguns exemplos dessa situação.

O género de alcachofra era ainda hesitante no séc. XVI, fixando-se, depois, o feminino: «dizem que há nella hua fructa de feiçam de alcachofres, tamanhos quomo cidras» (Damião de Gois, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, III, p. 3) e «ou alcachofra metida entre duas folhas de cardo» (Frei Bernardo de Brito, *Monarquia Lusitana*, II, 6, cap. 21, *apud* Machado, 1987).

Árvore era ainda de género masculino em Duarte Nunes de Leão, não obstante o feminino ter surgido em época muito mais recuada: «..., dizemos este método, este dote, este paul, este tribo, este nariz, este árvore [...]» (Leão: cap. VII, 224). O feminino definitivo é, portanto, posterior a finais do século XVI.

Também cometa vacilava ainda nessa data: «Appareceo no ceo da parte do oriente h a cometa» (Fernão Lopes de Castanheda, *História da Descobrimto e Conquista da Índia pelos Portugueses*, I, 98, *apud* Ali, 1964:70)) e «Appareceo no ar hum grande cometa...a qual foi vista per todolos d'armada» (João de Barros, *Décadas*, I, 5, 2), frase que bem traduz a hesitação de género que esta palavra sofreu. António Vieira (*Sermões*, 11, 225 e 265, *apud* Ali, 1964: 70) já emprega o masculino.

<sup>10</sup> Exemplifica, no entanto, com uma citação de 1548 («até a pia (baptismal)» das *Constit. Synodales do bispo de Coimbra*, fol. I), que faz recuar a data anteriormente dada (séc. XVII).

<sup>11</sup> Outra razão pode ter a ver com o facto de os substantivos deverbais em -e serem masculinos, como ajuste, arranque, saque, toque, etc (*apud* Vasconcelos, 1939: 18).

<sup>12</sup> J. P. Machado tenta explicar a mudança de género de vocábulo: «talvez se deva à analogia com outros nomes em -ote, também masculinos: bote, lote, mote, pote, etc.; creio haver ainda outro motivo: o vocábulo não entrou directamente, mas pelo fr. dot, que foi masculino nos séculos XVI e XVII, época da sua entrada em port. [...]».

No século XVI é ainda vulgar encontrar o género feminino da palavra fim: «na fim d'agosto» (*Décadas*, I, 3, cap. 4, p. 85) e é comum este género em Castanheda, Gil Vicente, Sá de Miranda, etc. Interrogando-se sobre as causas da mudança do género, J. P. Machado documenta o masculino no séc. XVI: «elle fez o fim de seus dias no serviço de Deos» (Damião de Góis, *Crónica do Príncipe D. João*, cap. 26, p. 111<sup>13</sup>), mas aparece um pouco antes, nomeadamente em Frei João Álvares («que maravilhosos f is», I, 4, 1. 21, *apud* Antunes, 1961: 126) e *no Livro de Montaria* de D. João I («A qual pusemos no fim», 3.30, *apud* Araújo, 1943, 165). Cândido de Figueiredo dá o vocábulo como masculino, mas diz: «era t(ambém) fem(inino) entre os clássicos e ainda o é entre o povo do Doiro: pensar na fim do mundo. Castilho escreveu também «nas ondas traidoras achou sua fim» (*apud* Figueiredo, 1986).

Com efeito, na linguagem popular continuou a empregar-se como um vocábulo feminino, mas a zona geográfica que ocupava é superior à que Cândido de Figueiredo refere<sup>14</sup>.

Por influência da terminação, planeta é ainda feminino no séc. XVI, em Gil Vicente («Sua planeta he a lua», *Obras de Gil Vicente*, 3. 254), mas masculino em Luís de Camões («já neste tempo o lúcido planeta», *Os Lusíadas*, II, 1). Domingos Vieira dá o vocábulo como substantivo feminino, certamente por lapso apresentando o seguinte exemplo: «os sete planetas» (Garcia de Resende, *Miscellanea*, p. 128). É também masculino em Caldas Aulete e Cândido de Figueiredo.

Tribo, palavra hoje feminina, sofreu hesitação de género, mesmo ao longo de século XVII. Vieira (Ali, 1964: 70) usa-a nos dois géneros: «De huma tribo a outra tribo» (*Sermões*, 8, 264 e «Ajuntou todos os tribos que poude» (*Ibidem*, 9, 412). Camões empregou-a como masculina: «o tribo ilustre» (*Lusíadas*, III, 140).

Como se pode ver por estes exemplos, as razões que levaram à mudança do género dos vocábulos podem ser, efectivamente, de variada ordem: alguns, como cometa, fantasma, planeta ou tribo (e eventualmente dia) viram o seu género alterado devido á terminação, (mesmo guia e espia que, embora aplicados a homens, eram femininos em Castilho e Vieira), recuperando mais tarde, possivelmente por influência culta, o género etimológico; outros sofreram mudança por associação com o sexo da pessoa de que são atributo; outros ainda, adquiriram o género que tinham na língua através da qual entraram em Português ou por analogia com outros vocábulos como teria acontecido com dote, agora masculino.

Motivações semelhantes poderão ser a influência de línguas estrangeiras, como em bancarrota<sup>15</sup>; e a própria incerteza, já patente na língua de origem, quanto ao género de um vocábulo, como ocorreu com finis,-is em Latim, etc.

<sup>13</sup> Há exemplos no masculino a partir do século XV (Lorenzo, 1977).

<sup>14</sup> Veja-se o material do ILB, *Inquérito Linguístico Boléo*, na Faculdade de Letras de Coimbra, recolhido entre 1942 e 1974.

<sup>15</sup> Said Ali (Ali, 1964: 72) crê que, embora no século XVI se tivesse usado banco roto (Cf. por exemplo Frei Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, I, p. 411), «veio, porém, a prevalecer a forma feminina, naturalmente por influência do italiana bancarotta e do francês banqueroute, linguagens estas de acordo com o género de banca e banque.

### 7. Adjectivos biformes que se tornaram uniformes

Alguns adjectivos perderam as formas diferentes para cada género, passando, portanto, a uniformes. Estão neste caso os adjectivos comum, contente, cobarde, quite e rude, entre outros.

Relativamente a comum, a forma feminina usava-se ainda nos séculos XVI e XVII, embora Fernão de Oliveira recomendasse já a uniformidade genérica para este adjectivo: «Este nome adjectivo comum serve a masculino e feminino, por que não digamos nos femininos comua» (*Gramática da linguagem portuguesa*, cap. XLIV, p. 114). Assim, embora no século XVI apareçam construções com o vocábulo comum para os dois géneros («Segundo a commum opinião», João de Barros, *Décadas*, 2. 9. 5), a forma feminina também se documenta: «sendo ellas commuas a elles», *Ibidem*, 2.5.15). Vieira hesita igualmente entre as duas formas: «A conclusão mais comm a...» (*Sermões*, 3. 34, *apud* Ali, 1964: 70)) e «A commum exposição dos interpretes» (*Ibidem*, 3. 6). Ainda nos séculos XVIII e XIX (*apud* Machado, 1987) é possível documentar o emprego da forma feminina («dentro da mesma membrana commua...», Avelar Brotero, *Compêndio de Botânica*, I, p. 18), que se perdeu posteriormente.

Contempto e contempta eram formas vulgares no período medieval (Cf. *Orto do Esposo*), e no século XV já se registavam a par de contente: «E elle contempto foy-se» (*Crónica da Ordem dos Frades Menores.*, I, p. 10) e «... e disse que era contente e pagado compridamente por seu procurador» (*Ibidem*, II, p. 266). Também Sá de Miranda já usa a forma actual: «Não vai mal quem vai contente» (116, 215, *apud* Carvalho, 97)<sup>16</sup>.

Embora Frei João Álvares escrevesse «minha rude pena» (II, 5, 1. 7-8, *apud* Antunes, 1961: 188), Camões usava ainda a forma feminina. No século XVII acentua-se o uso da forma actual («A este fim se apontam aqui para peessoas rudes...», Manuel Bernardes, *Pão Partido em Pequeninos*, p. 126, *apud* Machado, 1987) mas Domingos Vieira refere que Garret, tal como Camões, ainda utilizava a forma rudo, e admite-a, como Caldas Aulete, para quem, assim como para Cândido de Figueiredo, é «o mesmo que rude». O *Dicionário da Língua Portuguesa*, por sua vez, atesta também as formas rudo e ruda, apesar de o seu uso estar praticamente confinado à linguagem popular (Costa e Melo, 1990).

Portanto, salvo poucos casos (como o que acabamos de ver), a passagem destes vocábulos a uniformes foi-se fazendo gradualmente, ao longo deste período, acentuando-se essa tendência de uniformidade no século XVII<sup>17</sup>. Estas palavras tornaram-se uniformes possivelmente por razões etimológicas, analógicas, etc. Said Ali (Ali, 1964: 71) justifica de seguinte maneira o desaparecimento do feminino comua: «deve-se naturalmente ao sentido baixo que veio a adquirir o vocábulo como substantivo.

<sup>16</sup> Antenor Nascentes (Nascentes: 209) explica a origem do -e final talvez «por influência do antónimo triste ou do sinónimo alegre». Parece que, no século XVI, a terminação do vocábulo era já a actual, uma vez que Clarinda de Azevedo Maia (Maia, 1986: 662) regista contento num documento galego desse século (doc. N.º 18, p. 66) e aponta-o como provável castelhanismo.

<sup>17</sup> Sá de Miranda emprega ainda covardo («fugindo...como um covardo», 106, 167), e em Jorge Ferreira de Vasconcelos ainda se encontra quite como biforme, apesar de este uso ser já raro no século XV.

### 8. Palavras que, mantendo o género, alteraram a terminação

Estão neste caso alguns vocábulos, de que destacamos apetito, boosco e combato.

Com efeito, o Português antigo seguiu a forma etimológica appetitu-, que se encontra ainda no século XVI: «entre um e outro manjar se aluantavam,/ Despertando os alegres apetitos» (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, X, 5) ou «Nem apetitos que mais desejar» (Sá de Miranda, 150, 391, *apud* Carvalho, 1955). No entanto, o mesmo século vai acolher a forma apetite: «a agoa, que por satisfazer a seu appetite [...]». (Frei Amador Arrais, *Diálogos*, III, 9, *apud* Machado, 1987). Para alguns autores (Machado, 1987), a terminação –e dever-se-á «a influência do fr. *appétit*», enquanto que outros (Nunes, 1989: 70) defendem a influência de certos deverbais, como arranque.

Possivelmente do germânico bosk, era comum o uso de boosco na época medieval, até ao século XVI. Em Frei João Alvares Lê-se: «as matas e os booscos se encombrem» (II, 132, 1. 14, *apud* Antunes, 1961: 7)). No século XVI, porém, começa a surgir a forma actual, com a terminação –e : «Andando pelas sombras das florestas /E pelos bosques» (Sá de Miranda, 118, 61, *apud* Carvalho, 1955) ou «De tanques, de piscinas, de arcos, termas/ Bosques, parques [...]» (António Ferreira, *Poemas Lusitanos*, carta 1, vol. II, p. 34-35, *apud* Machado, 1987).

Combato era ainda a forma usada por Fernão Lopes, até se fixar a terminação actual: «durando o combato per mui grande espaço» (*Crónica de D. João I*, cap. CXIII)<sup>18</sup>.

### 9. Palavras que admitiam duas formas com diferença de género

Pouco há a dizer relativamente a este tipo de vocábulos, que, muitas vezes, se mantêm em simultâneo nos nossos dias. Admite ainda o Português actual augmentação e aumento, lavagem e lavamento, perdição e perdimento, submissão e submetimento, etc.. No entanto, tal como ocorria já nos séculos XVI e XVII, houve preferência por uma das formas, sendo a outra desusada: parece haver, por exemplo, preferência, no século XVI, por lavagem em detrimento de lavamento, assim como se perdeu a forma mudamento em favor de mudança. Uso e usança, por sua vez, são ainda admitidas (Figueiredo, 1986), mas a última é muito pouco utilizada.

### 10. Outros femininos formados por analogia

Em virtude de a terminação mais comum do feminino ser –a, criaram-se, analogicamente, algumas formas desse tipo, a partir de masculinos que eram invariáveis, subsistindo ainda algumas delas, e tendo outras caído em desuso.

Deste modo, os femininos analógicos generalá, hóspeda, ídola, juíza, etc., ou acabaram por manter-se na língua normal, ou perderam-se, subsistindo apenas na língua-

<sup>18</sup> Estão na mesma situação, entre outros: alcanço, bailo (muito usada ainda no século XVI, por Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões, por exemplo. Cf. *Os Lusíadas*, V, 62), deleito, etc. A língua actual, para algumas palavras, admite ainda as duas terminações: açaimo e açaimo, andaime e andaime, biscate e biscato, cacife e cacifo, saiote e saioto, traje e trajo, e muitos outros exemplos. Actualmente é mais comum a forma saiote, mas Camilo Castelo Branco usou saioto: «muito preocupada com as pulgas do seu saioto...» (*Senhor Ministro*. Lisboa, Veja, 1989, cap. XI, p. 110) e «a barra espulgada do saioto (*Ibidem*, p. 112). Fruto da acomodação da forma e do género, registaram-se os casos de, por exemplo, alfaca, amyzada, que surgem no *Orto de Esposo*, ou apocopa e lápida, que se documentam ainda no século XVI, ou mesmo de Madama (usado por Gil Vicente, *Cortes de Júpiter*; Copilaçom, fl. 167b, *apud* Machado) e Mademusela (empregue, no século XVIII, por D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, 97).



gem popular. Por exemplo, a forma hóspeda, já comum em Português antigo, encontra-se em Camilo («alucinou-se loucamente pela hóspeda», *O Senhor Ministro*, cap. IX, p. 89) e regista-se ainda em Cândido de Figueiredo, só desaparecendo posteriormente. O *Dicionário da língua portuguesa* (Costa e Melo, 1990) dá o vocábulo hóspede como «comum de dois». Ídola, pelo contrário, encontra-se no século XV (Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comédia Eufrosina*, 1, 1, *apud* Figueiredo, 1986), e é dado como feminino de ídolo por Costa e Melo<sup>19</sup>, apesar de o seu uso me parecer muito restrito<sup>20</sup>.

Noutro caso estão os vocábulos general e juíza: regra geral, a primeira forma é usada como designação para «mulher do general», enquanto a segunda vem registada como designação antiga para «mulher que julga». Com esse sentido, a palavra é usada por Camilo («aquelas duas mulheres viessem a ser juízas das minhas torpezas», *O Senhor Ministro*, cap. XI, p. 108), e embora os dicionários recomendem essa forma para a mulher que exerce esse cargo, ou a considerem «o mesmo que juiz», só aos poucos o seu uso se foi estabilizando na língua, continuando a ouvir-se – embora já esporadicamente<sup>21</sup> – juiz para os dois sexos, tal como general para as pessoas (mulher ou homens) que exercem essa função. É sem dúvida, mais fácil para os falantes aceitarem o feminino ministra para o vocábulo ministro (por associação com aluno/aluna, gato/gata, bonito/bonita, médico/médica, etc.) do que um feminino para uma palavra cuja terminação não é o usual –o para o masculino, ao contrário do que ocorre entre os falantes menos cultos, para quem as formas chefa, estudanta ou presidenta, perfeitamente condenáveis no Português normal, há muito estão consagrados.

### 11. Palavras em –ão

Relativamente aos femininos destes nomes diz Fernão de Oliveira, na *Gramática da linguagem portuguesa*: «Estes nomes, eu não os pronunciaria nesta forma, cidadoa, capittoa, viloa, rascoa e aldeoa, mas pronunciá-los-ia assim: aldeã, vilã e cidadã. Verdade é que rascã nem capitã não são mui usados, e contudo zambo e padoo e quaisquer que o costume consentir» (cap. XXVII). Mais adiante, escreve: «vindo [...] de capitão, dizemos mulher capittoa e não capitaina», cap. XLI).

Talvez estas palavras subentendam que ainda não se havia estabelecido totalmente o feminino de certos vocábulos. Aliás, enquanto alguns têm o feminino há muito consagrado (como irmã, por exemplo), outros ainda hoje são duvidosos. Assim, mantiveram-se, como em períodos mais antigos da língua, por exemplo abegoa, horteloa, etc.; modificou-se, entre outros casos, a forma sabechans (D. Francisco Manuel de Melo, *Apólogos Dialogais*, 229), hoje sabichonas. Noutras palavras, aceitam-se dois tipos de femininos: bretoa ou bretã, viloa ou vilã, etc (Bergström e Reis, 1989: 80). Costa e Melo dão para beirão o feminino beiroa, mas não beirã<sup>22</sup>.

Apresenta dificuldade de fixação da correcta forma feminina, por exemplo, capitão: os dicionários e o *Prontuário ortográfico* são unânimes em recomendar capittoa, acres-

<sup>19</sup> Aliás Figueiredo (1986) dá-o como feminino antigo.

<sup>20</sup> Cf. os dicionários de Bivar, Figueiredo e Costa e Melo. Para as profissões femininas ver outro breve trabalho (Gouveia, 1998).

<sup>21</sup> O *Dicionário da língua portuguesa 2004* já indica explicitamente juíza como o feminino de juiz, o que não acontecia na edição de 1990.

<sup>22</sup> A 39ª ed., de 2000, já não refere qual o feminino de vilão. Cf. p. 55.

centando esta última fonte que «capitã é o feminino errado de capitão» (p. 144). O mesmo se diz quanto a campeã, que é dado como feminino errado de campeão, propondo-se campeona, sendo os restantes dicionários omissos a esse respeito. No entanto, alguns autores, como Rodrigo de Sá Nogueira (Nogueira, 1989:82), defendem os femininos campeã e capitã, que são os mais correntes actualmente.

## 12. Aumentativos e diminutivos

Pouco há a dizer a este respeito, quanto à evolução. Apenas que a tendência para este tipo de derivação se mantém na língua, e surgem mais vocábulos que apresentam, com o acrescento do sufixo, alguma alteração do género primitivo. Como exemplos, apontam-se, entre outros: agulha e agulhão (já documentados no séc. XVII segundo Machado), aranha e aranhão (séc. XVIII) e aranhão (registado em Aulete, embora deva ser anterior), caixa e caixão, (séc. XVI), dinheiro e dinheirame<sup>23</sup> e até dinheirama (em Domingos Vieira e Caldas Aulete), febre e febrão (séc. XIX) ou serpente e serpentão (também abonado no séc. XIX).

## 13. Nomes de pessoas, rios, cidades, países, etc.

Um caso curioso na época medieval é que havia tendência para, analogicamente, criar os femininos dos apelidos se aplicados a mulheres<sup>24</sup>. Assim, é frequente ler-se, nessa época, por exemplo: «Lianor Pinta procuradeira [...] e Micia Ribeira e Catalina Mendez e Catarina Vaasquez e Issabel Pinta e a Coelha» (doc. de 1470, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia*, n.º 11, *apud* Santos e Veloso, 1983: 23), «Lianor Peixota procuradeira» (doc. de 1472, *ibidem*, n.º 12), etc<sup>25</sup>.

A *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, mostra ainda essa tendência, mas no século XVI já se deixa de feminizar pela terminação este tipo de nomes: «dona Isabella de Castro» (*Pergaminhos do Instituto de Paleografia*, doc. n.º 21<sup>a</sup>, de 1519).

De qualquer modo, Camilo dá-lhes esse uso ainda, eventualmente por razões estilísticas: «do padre Martinho e das sras. Botelhas» (*O Senbor Ministro*, cap. IV, p. 45).

Os nomes de rios eram masculinos em Latim, devido ao facto de se associarem a *fluvius*. Rodrigo de Sá Nogueira aconselha o masculino, tal como para os lagos: o (lago) Niassa, o (lago) Vitória, o (rio) Sena, etc. Camões, no entanto, havia usado, eventualmente devido à terminação, «fresca Guadiana» (*Os Lusíadas*, VII, 70).

Relativamente aos nomes de cidades, femininos da primeira declinação em Latim, ainda hoje o seu género é duvidoso. Esperar-se-ia o feminino, devido à elipse de cidade, por exemplo<sup>26</sup>, mas nem sempre acontece assim. A título de exemplo, Londres

<sup>23</sup> C. Castelo Branco usa o género feminino : «Tanta dinheirame[...]» (*O Senbor Ministro*, cap. IV, p. 45).

<sup>24</sup> O mesmo caso se verifica, ainda hoje, com os apelidos polacos (Leckzinski-Leckizinska), russos (Karenin-Karenina) ou checos (Mendlikov-Mendlikova).

<sup>25</sup> Note-se, porém, que apenas os apelidos terminados em -o sofrem essa transformação. Permanecem invariáveis os restantes: Vaasquez, Mendez, Lopez, Fernandez, etc. Na origem deste tipo de formas estava o nome do pai, ou seja, «Mendez, filho de Mendo», «Fernandez, filho de Fernão», «Vaasquez, filho de Vaasco», «Lopez, filho de Lopo», etc. Veja-se J. Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1939: 15) para mais exemplos de apelidos com a terminação -a.

<sup>26</sup> Talvez por essa razão Sá Nogueira (Nogueira, 1989: 27) prefira o género feminino para Alabama e Alasca. Vários casos de incerteza de género dos nomes de cidades e países, etc., podem encontrar-se em Said Ali (Ali, 1964: 68-69) e Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1939:16-17).

é masculino em Fernão Lopes («que boom Londres he este», *Crónica de D. João I*, cap. XXII), feminino em Garrett («Eu sentia-me morrer de tristeza e de isolamento no meio da populosa e turbulenta Londres», *Viagens na Minha Terra*, cap. XLVII), enquanto Camilo emprega os dois géneros. Para Fernão Mendes Pinto são femininas as cidades terminadas em –a átono: «porque se não há de imaginar que ela é uma Roma, uma Constantinopla, uma Veneza, um Paris, uma Londres, uma Sevilha, uma Lisboa» (*Peregrinação*, cap. CVII).

No século XVII, inclusivamente, documenta-se, em Severim de Faria, «no mesmo Guiné» (*Notícias de Portugal*, p. 231, *apud* Vasconcelos, 1939: 17).

Seria, talvez, preferível não atender a terminações dos nomes das cidades e rios, etc., e sim aos nomes genéricos cidade e rio, como defende também Mário Barreto (Barreto, 1982, 293 ss).

Ainda em relação próxima com estes aspectos, encontramos o género das letras do alfabeto. Em Latim eram femininas, por associação a *littera*: *consonans* (*littera*) e *vocalis* (*littera*), o que acontece em Português actual com as palavras vogal e consoante.

A diferença encontra-se em que, em Português antigo, se documenta a expressão: «h as is gregas» (Viterbo, *Livraria Real*, 38, *apud* Vasconcelos, 1939: 20), quando hoje diríamos «os is Gregos», «pôr os pontos nos is», etc.<sup>27</sup>

É já o masculino, no entanto, que usam Fernão de Oliveira e Duarte Nunes de Leão, género esse que se fixou na língua: «é verdade que temos a grande, a pequeno» (*Gramática da linguagem portuguesa*, cap. VIII) e «...E não há mais que um a, por ser longo e ser breve, é acidentalmente, ca ele por si não é longo nem breve e pode ser um e outro» (*Ortografia da língua portuguesa*. «Da letra a e das outras», p. 52).

#### 14. Nomes de animais

Não obstante o facto de as gramáticas darem como epicenos muitos nomes de animais, como a baleia, a cobra, o rouxinol, a sardinha ou o tigre<sup>28</sup>, documentam-se alguns casos de mudança de género ou de emprego no feminino de alguns nomes deste tipo. No caso de passarinha, cadelo (embora se fixasse o feminino – a cadela – o masculino caiu em desuso. Algo de semelhante ocorreu, aliás, com cavalo e égua, sendo o feminino proveniente da forma *equa*, de *equus*), entre outros, houve alteração ao longo dos tempos. Vejamos o que sucedeu com os seguintes exemplos, registados num período menos antigo da língua:

Tanto andorinha como andorinho (de *birundo*, *-inis*, f.) se documentam nesta fase: «Altas andorinhas brancas» (Sá de Miranda, 103, 459) e «Aues que fugê as frialdades das nossas terras sobre o ëuerno como Handorinhos» (*O Manuscrito Valentim Fernandes*, p. 41). O dicionário de Moraes regista, no século XVII, andrinho; hoje, existem ambas as formas, sendo o masculino para o macho da andorinha, como se atesta no *Dicionário da língua portuguesa* (Costa e Melo, 1990).

A. Feliciano de Castilho emprega lince (de *lynx*, m. e f.) como feminino («As lynces mosqueadas» (*Geórgicas*, 177, *apud* Ali, 1964: 73), mas é hoje inequivocamente masculino e funciona como epiceno.

<sup>27</sup> Em Espanhol são também femininas: “la v”, “la h”, etc.

<sup>28</sup> Ver Gouveia, 1999.

Quanto a passarinha (lat. *passer*; passarinho), foi vocábulo feminino no séc. XIII, como se prova pelo verso «oyu h a passarinna cantar...» (*Cantigas de Santa Maria*, 103, 23), mas neste período de transição já tem o género actual. Viterbo regista pássara com o sentido de perdiz.

Por último, tigre (de *tigris*, -is, m. e f.)<sup>29</sup> foi também usado como feminino: «bramando como a tygre quando perde os filhos ou lhos matam» (*Corónica troiana*, 33r, 5-7). Actualmente é vocábulo masculino (epiceno).

No século XVII regista-se já, segundo J. P. Machado, o masculino de abelha: zangão.

Vemos, deste modo, que também neste tipo de vocábulos, embora possa existir uma associação género-sexo, se encontram casos de formas que sofreram alteração.

### 15. Diferença semântica dada pelo género

Neste período evidencia-se, como em Português mais antigo e na língua actual, que o sentido pode, muitas vezes, ser clarificado pelo género da palavra. Essa situação ocorre, também, como consequência da alteração de género de um vocábulo, que o vai deixar em oposição semântica com outro. Consideremos, então, apenas dois dos muitos exemplos possíveis:

#### Copa e copo

Até ao século XVI, copa usava-se como sinónimo de taça, com o sentido que hoje damos a copo. Nesse século já coexistem ambas as formas: «Cada hu\_ bebe per h\_a copa de ouro...» (*O livro de Marco Paulo*, 33 r) e «Hum envoltorio em que vinhão muitos copos e jarros de prata» (Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, 2, 275). Copo, opõe-se semanticamente a copa, com o sentido de armário, por exemplo, o que já ocorria em Bernardes (*Nova Floresta*, 4.267): «huma copa de vários vidros».

#### Espinha e espinho

A alteração de género que sofreu a forma feminina com o sentido de espinho, possibilitou uma clarificação semântica, dada pelo género, em oposição a espinha (de peixe), que já era de género feminino em João de Barros. Em Português antigo tínhamos: «sem cardos e sem espinhas» (G. de Vasconcelos-Abreu, *A Lenda dos Santos Barlaão e Josafate*, 12, *apud* Machado, 1987).

O século XVI conhece as duas formas para o mesmo sentido, fixando-se depois o masculino para espinho: «cabeça coroada de espinhas» (Pe. Manuel Bernardes, *Luz e Calor*, 539, *apud* Machado, 1987) e «Jesu teceo de novos espinhos a sua coroa» (*Ibidem*, 540).

### 16. Palavras de género duvidoso

Devido ao género dos vocábulos poder ser dado por inúmeros factores, algumas palavras têm vacilado quanto a este aspecto, levando os falantes a optar ora por um género, ora por outro de acordo com o uso comum ou com as suas próprias preferências.

Têm sido palavras de género duvidoso, por exemplo: ádipe, ágape, aluvião, axioma, carisma, epítome, estratego, esquema, fácies, faringe, fénix, filoxera, guarda (homem que vigia), laringe, sanduche, etc.<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> *Tigris* em Latim era sobretudo feminino na poesia, o que talvez pudesse explicar o uso de Castilho.

<sup>30</sup> Para amálgama, apêndice, avestruz, diabetes, grama, hélice, personagem e síndrome ver Gouveia, 1998.

Os estudiosos não estão de acordo quanto ao género a atribuir-lhes, de modo que têm variado ao longo dos tempos. Assim ádipe tem um uso feminino antigo, como em Latim (até Celso), e depois passou a masculino. Machado (1987) exemplifica a evolução: era feminino ainda no século XVII («Em os espaços dos músculos...se acha uma ádipe ou gordura», António Ferreira, *Luz de toda a cirurgia*, I, 40), masculino no século XIX («nos esponjosos ádipos da cidade invicta», Camilo, *Narcóticos*, II, p. 210) e a partir daí: «embarrilado no próprio ádipe» (Xavier Marques, *As voltas da estrada*). Masculino e feminino também em Latim, os dicionários registam-no como tal ainda hoje, embora o masculino pareça o mais frequente.

Ágape, por sua vez, originalmente feminino em Latim, aparece com os dois géneros em Português: Filinto Elísio dá-o como masculino, no século XVIII («após a comunhão se apresta o ágape», *Os Mártires*, II, 14, p. 23, *apud* Machado, 1987) e Herculano como feminino («nas ágapas dos cristãos», *Lendas e Narrativas*, II, p.207). Ainda actualmente o seu género é incerto, mas Cândido de Figueiredo e Celso Cunha (Cunha, 1984: 198) recomendam o masculino.

Devem tomar-se, então, como masculinos: axioma, carisma (embora feminino no século XVII, possivelmente pela terminação: «com a suavidade das charismas», Sebastião Pacheco Varela, *Número Vocal*, p. 69, *apud* Machado, 1987), epítome (feminino em Latim), esquema, estratego, grama (peso), guarda (foi feminino em Vieira, embora aplicado a um homem, por influência da terminação), pijama; e como femininos: aluvião, cólera, fácies (embora Almeida Costa e A. Sampaio e Melo o dêem como masculino), faringe, fénix, filoxera, laringe (etimologicamente masculino e ainda com esse género no Brasil, segundo Cândido de Figueiredo e de género hesitante de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio*. Vd. Ferreira, 1986) e sanduche (masculino para Celso Cunha)<sup>31</sup>.

### Conclusões

Este período de evolução do género na língua portuguesa apresenta-se como um período de transição, para uma fase mais moderna do Português, mas em que a hesitação relativamente à arrumação genérica ainda é notória.

Assim, embora a partir dos séculos XVI e XVII se vá tornando, como refere Maria Tereza Biderman (Biderman, 1974, 50), mais generalizado o uso das formas em –ora e –esa, verifica-se, após o estudo feito, que alguns tipos de palavras levaram mais tempo a fixar o género definitivo do que outras, tendo sido, a título de exemplo, mais problemática a uniformização do vocábulo comum, ou a passagem a biformes de vocábulos terminados em –ês, havendo ainda vacilação nos casos de alguns femininos de palavras em –ão (como campeã ou campeona, capitã ou capitosa, etc.) ou na manutenção ou não de femininos analógicos para palavras como hóspede, parente, juiz, etc. Por outro lado, as palavras em –ol somente após o século XVI se tornam biformes, como se viu.

Não obstante o aparecimento das gramáticas da língua a partir de meados do século XVI, não é possível falar da fixação do género contemporâneo antes dos séculos XVI e XVII e, nalguns casos, só posteriormente a estas datas<sup>32</sup>, conforme se evidencia pela análise feita.

<sup>31</sup> Sobre a diferença de género de sanduche – e de outros vocábulos – em Portugal e no Brasil veja-se Gouveia, 2000.

<sup>32</sup> A língua popular e regional conserva, ainda hoje, muitos traços arcaizantes no que se refere ao género. Sobre este assunto consulte-se Gouveia, 1997.

Por outro lado, provou-se que, em vários casos, a hesitação no emprego do género gramatical, com a conseqüente coexistência de formas, levou – como ainda hoje acontece – a uma mudança.. O mesmo sucede com outros vocábulos, como as palavras de género duvidoso, podendo ocorrer uma futura alteração, como se anuncia já na forma grama, que conhece o uso erudito (o masculino) e o feminino que tende a fixar-se por influência da terminação. No entanto, não pode afirmar-se com toda a segurança que essa coexistência, numa determinada época, de uma forma masculina e outra feminina leve automaticamente a uma mudança, ou ao abandono de uma forma em favor de outra. Registraram-se casos, por exemplo, em que houve coexistência de formas, uma delas mais evoluída em relação ao étimo, e voltou-se, depois, ao género etimológico (como com cometa, tribo, etc.) e o inverso (dote, diocese, entre outros exemplos).

Nota-se, por outro lado, que tendências verificadas na língua – na sua transição do período arcaico para o moderno –, como a analogia, a influência da terminação, etc., continuam a manifestar-se numa clara evidência de continuidade e do poder criador do falante na evolução de qualquer língua viva.

## BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. Said (1964), *Gramática histórica da língua portuguesa*, 3ª edição melhorada e aumentada. Estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva., Edição Melhoramentos.
- ANTUNES, Maria Miquelina Botelho (1961), *O vocabulário de Frei João Álvares*, Dissertação de licenciatura [inédita] apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra.
- ARAÚJO, Manuel de (1943), *O Livro de Montaria de D. João I. Glossário e comentário filológico*, Dissertação de licenciatura [inédita] apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra.
- AULETE, F. J. Caldas (Feito sobre o plano de) (1948 e 1952), *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3ª edição actualizada. 2 vols., Lisboa, Parceria António Maria Pereira.
- BACELAR, Bernardo de Lima Melo (1783), *Gramática filosófica da língua portuguesa*, Reprodução fac-similada com introdução e notas pelo académico correspondente Amadeu Torres, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1996.
- BARRETO, Mário (1982), *De gramática e de linguagem*, 3ª ed. Rio de Janeiro (Presença – Fundação Casa de Rui Barbosa), Brasília (Instituto Nacional do Livro).
- BARROS, João de, *Décadas*. Primeira Década, 4ª edição revista e prefaciada por António Baião. Coimbra, 1932.
- BERGSTRÖM, Magnus e REIS, Neves (1989), *Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa*, 20ª ed. Lisboa, Editorial Notícias.
- BERGSTRÖM, Magnus e REIS, Neves (2000), *Prontuário ortográfico e guia da língua portuguesa*, 39ª ed. Lisboa, Editorial Notícias.
- BERNARDES, Manuel, *Nova Floresta ou sylva de varios apostegmas e ditos sentenciosos espirituais e morais*, Lisboa, 1701-1728.
- BIDERMAN, Maria Tereza de Almeida Camargo (1974), *A categoria do género*, 2 vols., Tese de Livre-Docência, São Paulo, FFLCH – USP.
- BIVAR, Artur (1948-1952), *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*, Coordenação de Manuel dos santos Ferreira e Maria Vitória Garcia dos Santos Ferreira, 3 vols., I Parte: Dicionário geral (I e II vols.); II Parte: Dicionário analógico (III vol, 1958), Porto, Edições Ouro Lda..
- BRANCO, Camilo Castelo, *O Senhor Ministro*. Lisboa, Veja, 1989.
- CAMÕES, Luís de (1572), *Os Lusíadas*. Edição comemorativa do IV centenário da publicação de *Os Lusíadas*, Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1972.
- Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio. Editadas por Walter Mettmann. 4 vols. Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1959, 1961, 1964 e 1972.
- CARVALHO, Carlota Almeida de (1953), *Glossário das poesias de Sá de Miranda*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- CASTRO, Ivo [com a colaboração de Rita Marquilhas e J. León Acosta] (1991), *Curso de história da língua portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Coronica troiana em linguoagem purtuguesa*, Edição de Ana María García Martín, Luso-Espanhola de Ediciones, 1998.
- COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio e (1990), *Dicionário da língua portuguesa*, 6ª ed. corrigida e aumentada, Porto, Porto Editora.

- Crónica da Ordem dos Frades Menores*, Manuscrito do século XV [...] publicado [...] por José Joaquim Nunes. Coimbra, 1918.
- Crónica del rei Dom Jobam I de boa memoria e dos Reis de Portugal o decimo*, Primeira parte escrita por Fernão Lopes. Reprodução facsimilada da edição do Arquivo Histórico Português [...] preparada por Anselmo Braamcamp Freire, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977.
- CUNHA, Celso e LINDLEY CINTRA, L.F. (1984), *Nova gramática do português contemporâneo*, 2ª ed. Lisboa, Ed. João Sá da Costa.
- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva (1970), *Syntaxe histórica portuguesa*, 5ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- Dicionário da língua portuguesa* (2004), Principais colaboradores: J. Almeida COSTA e A. Sampaio e MELO, Dicionários Editora, Porto, Porto Editora.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986), *Novo Dicionário Aurélio*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1910), *Vícios da linguagem médica*, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1986), *Grande dicionário da língua portuguesa*, 23ª edição, 2 vols., Venda Nova, Livraria Bertrand Editora.
- GARRET, Almeida, *Viagens na Minha Terra*, Edição didáctica para o ensino secundário de Luís Amaro Oliveira. Porto (Porto Editora Lda.), Coimbra (Livraria do Arnado, Lda.) e Lisboa (Empresa Literária Fluminense, Lda.) 1974.
- GÓIS, Damião de, *Crónica de Felicíssimo Rei D. Manuel*, Nova edição, conforme a primeira, anotada e prefaciada, dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes, Coimbra, 1926.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Castro Duarte de Frias e (1993), *Um aspecto de morfologia histórica: o género gramatical dos substantivos e adjetivos em Português*, trabalho de síntese [inédito] apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica, Coimbra [apresentado em 1994].
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e (1997), "Algumas observações sobre a linguagem popular e regional no que se refere à categoria de género. Reflexos do género gramatical do Português antigo na linguagem popular", in *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, Università di Palermo, 1995, vol. II: Morfologia e sintassi delle lingue romanze, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, p. 339-349.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e (1998), "Algumas mudanças de género em curso no português", in *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 1997, Lisboa, APL, vol. I, p. 339-352.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e (1999), "A propósito do masculino genérico em Português", in *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Aveiro, 1998, Braga, APL, vol. II, p. 21-28.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias e (2000), "O género gramatical dos nomes em Portugal e no Brasil", in *Actas do Congresso Internacional 500 Anos da língua Portuguesa no Brasil*, Évora, 2000 (em publicação).
- LAPA, M. Rodrigues (1970), *Vocabulário galego-português*, Extraído da edição crítica das cantigas d'escarnho e de mal dizer, Vigo, Editorial Galáxia.



- O Livro de Marco Paulo - O Livro de Nicolau Veneto*, Carta de Jeronimo de Santo Estevam, Lisboa, 1922.
- LEÃO, Duarte Nunes de, *Ortografia e origem da língua portuguesa*, Introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- LORENZO, Ramón (1977), *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*, Ed. crítica anotada, com introducción, índice onomástico y glosario, 2 vols., Orense, Instituto de Estudios Orensanos Padre Feijoo, vol.II: glosario.
- MACHADO, José Pedro (1987), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 4ª edição, 5 volumes, Lisboa, Livros Horizonte.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986), da Galiza *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MALER, Bertil (1964), *Orto do Esposo*, vol III: Correções dos volumes I e II, estudo das fontes e do estado da língua, glossário, lista dos livros citados e índice geral, Stockholm, Goteborg e Upsalla, Almqvist & Wiksell.
- O Manuscrito Valentim Fernandes* oferecido à Academia por Joaquim Bensaúde. Leitura e revisão das provas pelo académico fundador António Baião, Lisboa, 1940.
- MELO, D. Francisco Manuel de, *Apólogos Dialogais*, Reprodução fiel do texto da edição de 1721, anotados e precedidos de um esboço bio-bibliográfico do Autor por Fernando Nery, Rio de Janeiro, 1920.
- NASCENTES, Antenor (1955), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2ª edição, Rio de Janeiro.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1989), *Dicionário de erros e problemas de linguagem*, 3ª edição, Lisboa, Clássica Editora.
- NUNES, José Joaquim (1981), *Crestomatia arcaica. Excertos de língua portuguesa desde o que de mais antigo se conhece até ao século XVI [...]*, 8ª edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- NUNES, José Joaquim (1989), *Compêndio de gramática histórica da língua portuguesa (Fonética e Morfologia)*, 9ª ed. Lisboa, Clássica Editora.
- Obras completas de Gil Vicente*. Nova edição revista. Coordenação de texto, introdução, notas e glossário por Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Porto, Livraria Civilização, 1979.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536), *Gramatica da lingoagem portuguesa*, Edição fac-similada, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.
- PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, Nova edição conforme a de 1614, preparada e organizada por A J. da Costa Pimpão e César Pegado, Porto, 1944.
- Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, Lisboa, 1856.
- SANTOS, Maria José Azevedo e VELOSO, Maria Teresa (1983), *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (séculos XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra.
- SPINA, Segismundo (1987), *História da língua portuguesa*, vol. III: *segunda metade do século XVI e século XVII*, Série Fundamentos, 23, São Paulo, Editora Ática S. A.
- SOUSA, Frei Luis de, *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, com prefácio e notas do Prof. Augusto Reis Machado, Lisboa, 1946.

- VASCONCELOS, Jorge Ferreira de (1867), *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, 2ª edição. Lisboa.
- VASCONCELOS, José Leite de (1939), “Ementas gramaticais para a história da língua portuguesa”, in *Revista Lusitana*, vol. XXXVII, nºs 1-4, 1939, Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- VIEIRA, Dr. Frei Domingos (1871 a 1874), *Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza*, Porto (em casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes), Rio de Janeiro (A A da Cruz Coutinho), Pará (António Rodrigues Quelhas), 5 vols. 1871 (1º), 1873 (2ª, 3ª e 4ª) e 1874 (5º).
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa (1798-1799), *Elucidário das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram*, 2 vols. Lisboa, 1798 e 1799.